



Aharon Appelfeld

Volto ao anoitecer

tradução
Paulo Geiger

ilustrações
Guazzelli

FTD

Aharon Appelfeld

Volto ao anoitecer

tradução

Paulo Geiger

ilustrações

Guazzelli

2ª edição

FTD

São Paulo – 2018

FTD

Copyright da edição brasileira © Editora FTD S.A., 2018
Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.br

E-mail: projetos@ftd.com.br

A GIRL FROM ANOTHER WORLD

Título original em hebraico: *Yalda Shelo Minhaolam Hazé*

Copyright © 2013, Aharon Appelfeld

All rights reserved

Diretora editorial

Cecilianny Alves

Gerente editorial

Isabel Lopes Coelho

Editora

Débora Lima

Editora assistente

Agueda del Pozo

Preparadora

Bruna Perrella Brito

Revisora

Marta Lúcia Tasso

Projeto gráfico e diagramação

Sheila Moraes Ribeiro

Editoração eletrônica

Paulo Minuzzo e Tereza Bettinardi

Diretor de operações e produção gráfica

Reginaldo Soares Damasceno

Aharon Appelfeld nasceu em 1932, na Romênia. Sobrevivente do Holocausto. Formou-se na Universidade Hebraica de Jerusalém. Escreveu romances, contos, ensaios e poesias. Ganhou diversos prêmios, entre eles o Prêmio Israel de Literatura. Faleceu em janeiro de 2018.

Paulo Geiger nasceu em 1935. Natural do Rio de Janeiro, trabalhou como editor executivo em obras de referência, como enciclopédias (*Delta-Larousse, Barsa*) e dicionários (*Caldas Aulete, Aurélio*). Traduz obras do hebraico (Amós Oz, David Grossman, A. B. Yehoshua) e do inglês (Adam Smith, Paul Auster, Jonathan Franzen, entre outros).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Appelfeld, Aharon

Volto ao anoitecer / Aharon Appelfeld ; tradução Paulo Geiger ; ilustrações Guazzelli. – 2. ed. – São Paulo : FTD, 2018.

Título original: Yalda shelo minhaolam hazé

ISBN 978-85-96-01668-1 (aluno)

ISBN 978-85-96-01745-9 (professor)

ISBN 978-965-552-568-7 (ed. original)

I. Ficção juvenil I. Guazzelli. II. Título.

18-17004

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964



Convite à leitura

Olá, leitor!

Você já deve saber algo sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. A literatura e o cinema têm contribuído muito para formar nosso imaginário e nossa visão de mundo sobre esses temas, sob os mais diversos pontos de vista.

O romance *Volto ao anoitecer* focaliza sua ação em dois meninos de 9 anos de idade, deixados em uma floresta. Há também na narrativa a presença – cada vez maior – de uma menina.

Os dois meninos, judeus, vêm de famílias e de modos de vida diferentes. Assim, este romance é marcado por esse contraponto, que nos convida a refletir sobre identidade e alteridade, sobre o que significa ser nós mesmos e o que é respeitar e valorizar o outro.

Este é um livro sobre Esperança. Sim, Esperança com inicial maiúscula. Os meninos e a menina teriam sobrevivido se não tivessem Esperança? Quando é fácil desistir diante das menores dificuldades, *Volto ao anoitecer* nos fala sobre uma Esperança ativa, construída dia a dia.



Eles andavam de mãos dadas e em rápidas passadas e, ao nascer do sol, tinham chegado à beira da floresta.

– Adam, meu filho – disse a mãe –, chegamos, não tenha medo. Você conhece muito bem nossa floresta e tudo o que existe nela. Farei o que puder para voltar no fim da tarde, mas, se eu me atrasar, vá até a casa de Diana, e eu irei mais tarde para pegar você.

Adam estava ao lado da mãe, ainda sonolento, e não sabia o que perguntar. Sua mãe voltou a dizer:

– Não tenha medo, você conhece nossa floresta e tudo o que existe nela. Fique sentado debaixo de uma árvore, por exemplo, da árvore que tem uma copa arredondada, lendo este livro de Jules Verne, ou jogue o jogo das cinco pedrinhas, o tempo vai passar depressa.

A mãe o abraçou e falou:

– Tenho de correr, estou indo esconder os avós.

Ela se livrou dos braços dele e pôs-se a caminho. Adam ficou onde estava. Ele queria gritar “Até logo, mãe”, mas não deu tempo. Sua mãe já sumira de vista.

A floresta despertava, e as primeiras luzes espalharam-se sobre a terra.





Adam avançou lentamente. Ele conhecia as árvores e os caminhos, mas a floresta estava um pouco diferente: uma floresta de manhã bem cedo. Estava habituado a vir para a floresta com seus pais, na maioria das vezes à tarde, e às vezes ao anoitecer, mas nunca às primeiras horas da manhã.

“É estranho”, pensou, “estou passeando na floresta sozinho”.

Chegou à árvore que tinha uma copa arredondada, pôs a mochila no chão, olhou em volta e concluiu: “Aqui nada está diferente, é a mesma floresta, só que meus pais não estão comigo”.

Adam tinha nove anos e estava prestes a terminar o quarto ano. Não era um aluno excepcional, mas, no penúltimo trimestre, ostentava na sua caderneta três As. Isso fez seus pais ficarem contentes, e eles lhe compraram uma bola de futebol nova. A guerra e o gueto puseram fim aos passeios na floresta.

Por algum tempo ficou alegre por sua mãe tê-lo tirado do gueto e o trazido até a floresta, certa de que se arranjaria sozinho.

Perto da árvore passava um riacho, ainda coberto por uma tênue escuridão, mas lampejos de luz já brilhavam em suas águas correntes.

Adam sentiu fome e tirou da mochila um sanduíche, embrulhado num papel marrom, e lembrou-se de ter visto a mãe junto da janela da cozinha, partindo o pão redondo em fatias e preparando sanduíches para ele.

Nos últimos momentos de escuridão eles saíram da casa. Foram de porão em porão, correram em túneis escuros, arrasaram-se em passagens estreitas e, por fim, depois de tanto esforço, saíram das sombras e estavam no campo. Cruzaram a ponte Johan e em minutos chegaram à beira da floresta.

“Você conhece nossa floresta e tudo o que existe nela”, tornou a ouvir sua mãe dizendo. Agora estava sentado sob as árvores, olhando as luzes que se espalhavam a seus pés.

De repente se levantou, ajoelhou-se, tirou água do riacho com as mãos em concha e levou ao rosto. A água fria lhe fez bem, e continuou bebendo até ficar saciado.

“Que interessante”, pensou, “a mãe não está aqui, mas eu a vejo com clareza e sinto a mão dela nas minhas”.

Nessa imensa floresta ele curtia a primavera e o verão com seu pai e sua mãe. Eles tinham suas árvores preferidas, debaixo das quais se sentavam, e riachos de cujas águas gostavam de beber. Miro corria e saltava, fazendo o passeio ficar ainda mais alegre.

– Miro! – o nome escapou da garganta de Adam. Sentiu o corpo roliço dele em seus braços. Todos gostavam de Miro, ele não era grande como um pastor-alemão, mas enchia a casa e, mesmo quando estava dormitando na entrada, ficava tenso e alerta.

Agora Adam estava vendo a casa a sua frente, a oficina, seu pai, sua mãe, seus avós e Miro, saltitando de um lugar para outro, ou parado e admirando algo. À medida que contemplava essas visões conhecidas, seus temores iam sumindo, seus olhos se fecharam e ele adormeceu.

Quando acordou, o Sol já estava no meio do céu. Em seu sono ele estivera em sua casa, na cozinha, e por um momento não soube como tinha chegado à floresta, mas logo lembrou que sua mãe o havia trazido e dito: “Chegamos, não tenha medo. Você conhece muito bem nossa floresta e tudo o que existe nela”. Essas frases ecoaram por um instante em sua cabeça e o alegraram.

A floresta da tarde Adam conhecia muito bem. Após um dia de trabalho, seus pais gostavam de sair para espairecer entre as árvores. Seu pai trazia em sua mochila sanduíches, bolos, frutas e legumes. A mãe, em sua comprida bolsa, duas garrafas térmicas: numa tem café e na outra chocolate.

Adam aguardava ansiosamente esses passeios. Na floresta, seus pais ficavam relaxados, conversavam e prestavam atenção um no outro. No final do passeio, os três jogavam bola.

Depois de uma hora de jogo, a blusa de Adam sempre ficava molhada, e a mãe dizia:

– Você está todo molhado, pena que não trouxe uma muda de roupa.

Por um momento, Adam ficou triste por estar sozinho. Voltou até o riacho, bebeu água, tirou da mochila uma maçã e

deu uma mordida. A mordida trouxe de volta as lembranças de seu pai e sua mãe, e ele sentiu que não estavam longe dali.

E enquanto pensava no que ia fazer e para onde se dirigir, ele ouviu um rumor. Prestou atenção. O rumor parecia ser de pisadas sobre folhas secas.

De onde estava sentado não via nada. Levantou-se e, para sua surpresa, não muito longe, um menino andava com passos pesados, uma mochila às costas.

– Ei, menino, quem é você e o que está fazendo aqui? – perguntou Adam, em voz alta.

– Meu nome é Thomas – veio logo a resposta.

– Venha até aqui comigo.

– Estou indo.

Só quando estava bem perto, ele percebeu: Thomas era de sua turma na escola.

– O que o trouxe aqui? – falou Adam, em tom amigável.

– Minha mãe trouxe-me aqui de manhã e disse que esperasse por ela, e desde então fiquei andando pela floresta e me cansando.

– Minha mãe também me disse que esperasse por ela. Vamos esperar juntos – disse Adam e sorriu.

– Estranho – disse Thomas.

– O que é estranho? – perguntou Adam.

– Estarmos os dois aqui sozinhos.

Thomas tirou a mochila das costas e sentou-se.

– Você já comeu? – Adam quis saber.

– Ainda não. Já vou comer. Estou com fome.

– Eu já comi e bebi água do riacho.

Thomas tirou da mochila um sanduíche e deu uma mordida.

Na classe, Thomas sentava-se na primeira fila, por causa de sua miopia. Agora não se percebia que era míope, talvez porque estivesse usando uma boina verde, que modificava sua aparência.

– Você está aqui há muito tempo? – perguntou Thomas.

– Vim para cá com minha mãe de manhã bem cedo. A floresta ainda estava escura.

– E você não ficou com medo?

– Não, conheço esta floresta e tudo o que existe nela – Adam repetiu as palavras de sua mãe.

– Que sorte você me ter visto. Eu já estava ficando desesperado.

– A verdade é que eu não reconheci você.

– Eu também não reconheci você, mas eu não sirvo de referência, eu sou míope, para meu pesar – disse Thomas.

Adam notou a expressão “para meu pesar”. Thomas era um menino bem-educado e sempre dizia “desculpe”, “obrigado”. Por causa dessas boas maneiras, ele não era muito bem aceito na turma.

– Estou contente por estarmos juntos, nas horas em que estava sozinho não me senti bem. Eu estava certo de que ia me perder. Aliás, sua mãe prometeu que viria buscar você quando? – perguntou Thomas.

– Ao anoitecer.

– Minha mãe também prometeu que viria ao anoitecer e que voltaríamos os dois para casa – disse Thomas e alegrou-se por ter pronunciado essas palavras. – Ela me trouxe com coisas demais, minha mochila está pesada como um saco de farinha.

– Minha mãe também me preparou como se eu estivesse saindo para uma grande jornada. O que é que não tem na minha mochila? Ataduras, iodo, aspirina, duas caixas de fósforos, tem tudo isso e muito mais – disse Adam.

– E eu nem sei o que tem na minha mochila.

